

A GERAÇÃO DA UTOPIA: A REPRESENTAÇÃO DOS JOVENS NA CONSTRUÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA

Maria do Socorro Nascimento da Costa¹

Claudia Leticia Gonçalves Moraes²

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de conclusão de curso e apresenta uma análise do romance *A Geração da Utopia* (1992), do angolano Pepetela, enfocando aspectos importantes na construção da independência de Angola, a representação dos jovens angolanos no processo de transição de utopia para distopia e, nesse ínterim, a construção de nação ao longo das duas primeiras partes do romance do autor. Para esta análise será feita uma breve discussão acerca de algumas categorias fundamentais, tais como: o contexto das literaturas africanas de expressão portuguesa, o início da literatura em Angola e seu contexto de produção e o projeto literário do autor. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que está sob amparo de autores como Fonseca (2007; 2015), Amâncio (2014) e Chaves (2004; 2005) que debatem sobre o desenvolvimento das literaturas africanas de língua portuguesa no contexto pós-colonial, o que coaduna com a proposta de Pepetela no referido romance

Palavras-chave: Literatura Africana de expressão portuguesa; Angola; Análise literária; Pepetela.

Abstract: *This work is an excerpt from a course completion research and presents an analysis of the novel A Geração da Utopia, by the Angolan writer Pepetela, focussing on important aspects in the construction of Angola's independence, the representation of young Angolans in the process of transition from utopia to dystopia and, in the meantime, nation-building throughout the first two parts of the author's novel. For this analysis, a brief discussion about some fundamental categories is presented, such as the context of African literatures of Portuguese expression, the beginning of literature in Angola and its production context, and the author's literary project. This is a bibliographical research supported by authors such as Fonseca (2007; 2015), Amâncio (2014) and Chaves (2004; 2005), who debate the development of Portuguese-speaking African literatures in the post-colonial context, which is consistent with Pepetela's objective in that novel.*

Keywords: *Portuguese-speaking African Literature; Literary Analysis; Angola; Pepetela.*

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. Licenciada em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa - pela Universidade Federal do Maranhão. Discente do Curso de especialização em Filosofia e Cultura- Universidade Federal do Maranhão. Integrante dos Grupos de Pesquisa Literatura, Alteridade e Decolonialidade (UFMA) e Marginália Decolonial (UFMA- UFU). E-mail: <maria.ncosta@hotmail.com>.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília (bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão – FAPEMA). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras – Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Pesquisa Literatura, Alteridade e Decolonialidade (UFMA). Integrante dos Grupos de Pesquisa Historiografia, cânone e ensino (UnB) e Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa (UFF-UFMA). Organizadora do I e do II Colóquio Interdisciplinar de Literatura e Cultura Negra do Baixo Parnaíba (2018-2019). E-mail: <claudiamoraes27@gmail.com>.

Introdução

A literatura, com sua forte forma de expressão de cultura de um povo, tem historicamente um papel relevante para o homem enquanto sujeito de uma sociedade, criando um elo entre o sujeito e sua prática, fazendo-o repensar suas vivências, cultura e identidade, assim tendo, também, uma função social. Logo, encontramos nesse quadro a literatura africana, que tem um papel inovador quando utiliza da força da palavra para transportar vibrações do passado, presente e futuro para o texto escrito, sendo produzida em contextos sociais e culturais definidos (AMÂNCIO, 2014; SAID, 2011; FONSECA, 2015). Optamos aqui por investigar a obra *A Geração da Utopia* (1992), nos atendo a compreender quais foram as contribuições dos jovens ao longo da obra para o processo de libertação de Angola, assim como em que momento uma geração que idealizou uma nação justa e igualitária para os angolanos começa a se esvaír, transformando-se em um processo de desencanto/desilusão, cuja relevância dessa geração pode ser tanto positiva quanto negativa.

Portanto, sob três óticas, a presente análise discute a literatura africana de língua portuguesa, a literatura angolana e seu projeto literário, assim como o projeto de Pepetela; e por último, a análise da obra é alicerçada pela representação dos jovens angolanos na independência de seu país, mostrando, a priori, o princípio de esperança e, concomitantemente, a formação intelectual desses jovens, no intuito de descrever a saída desses jovens da teoria para a prática, indo para a guerrilha, o ferrenho combate pela independência. Como forma de entendermos melhor esse processo da construção dessa literatura, utilizamos as obras de Amâncio (2014), Chaves (2004; 2005) e Fonseca (2007; 2015).

A singular literatura africana de língua portuguesa

A vasta riqueza da literatura africana dos países de língua portuguesa nos faz repensar toda a epistemologia literária existente, incitando uma reflexão sobre a pouca produção de conhecimento sobre o continente africano, produção esta ainda insuficiente para explicar a essência deste continente, bem como sua literatura e seus bens culturais. Assim, o que se

observa ainda é uma crítica superficial, o que nos leva a questionar: onde se situam os africanos no próprio campo da elaboração do conhecimento?

No Brasil são crescentes as pesquisas no campo literário africano de língua portuguesa, devido à Lei n.º 10.639 de 2003, que determina o ensino da história e da cultura africana nas escolas de ensino fundamental e médio. Uma das maneiras de conhecer a cultura, a história, os costumes e as tradições é por meio da literatura e, assim, a riqueza literária africana foi ganhando corpo no Brasil, com um crescente interesse nas produções africanas. A partir da década de 1980 o mercado editorial investiu em publicações de obras de alguns escritores desses espaços. A Editora Ática foi a precursora e elaborou a chamada Coleção de Autores Africanos, na qual ganharam edições obras como *Luuanda* (1982), de Luandino Vieira; *Mayombe* (1982), de Pepetela; e *Sagrada esperança* (1985), de Agostinhos Neto, assim como *Os flagelados do vento leste* (1979), de Manuel Lopes, e *Chiquinho* (1986), de Baltazar Lopes, naquela altura sendo os dois autores mais conhecidos de Cabo Verde. Nos anos 2000, outras obras e autores foram ganhando espaço, como *Os da minha rua* (2007), de Ondjaki; *Estação das chuvas* (2005), de José Eduardo Agualusa; e como representantes de Moçambique sublinhamos Mia Couto com sua célebre obra *Terra sonâmbula* (2008), e Paulina Chiziane com *Baladas de amor ao vento* (1990), somente para citar alguns.

Em resposta a essas e outras obras, o campo da crítica literária iniciou algumas pesquisas timidamente, na década de 1980, e pesquisadoras como Rita Chaves, Íris Amâncio, Tânia Macedo e Simone Caputo foram as primeiras a recepcionar essas obras na academia, o que posteriormente contribuiu muito para a criação de disciplinas de literaturas africanas nos cursos de graduação, tal e qual contribuíram para a criação de linhas de pesquisa em programas de pós-graduação voltados para o estudo e pesquisa dessas produções literárias em grandes universidades brasileiras (UFF, UFRJ, USP, PUC, UFBA, UFMA, entre outras).

Ressaltando que, na tentativa de situar o africano na elaboração de conhecimento, temos que considerar que as literaturas africanas, assim como tantas outras, ainda então se constituindo como sistemas, e que a função de relembrar fatos e dados é uma construção genuína de textos literários africanos. É também importante observar que a escolha da análise de uma obra não listada na preferência dos escritores-críticos nos dá responsabilidade e representa um grande desafio, pois é com pesquisas deste cunho que tais obras podem ganhar

espaço e, possivelmente, compor listas de obras consideradas canônicas. Segundo Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira em *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa* (2007, p. 13):

O aparecimento das literaturas de língua portuguesa na África resultou, por um lado, de um longo processo histórico de quase quinhentos anos de assimilação de parte a parte e, por outro, de um processo de conscientização que se iniciou nos anos 40 e 50 do século XIX, relacionado com o grau de desenvolvimento cultural nas ex-colônias e com o surgimento de um jornalismo por vezes ativo e polêmico que, destoando do cenário geral, se pautava numa crítica severa à máquina colonial.

Entendemos, desta maneira, que as literaturas africanas se desenvolveram no mesmo período em que as antigas colônias africanas passavam por turbulentos processos de independência. Essa literatura buscou retratar a dura realidade vivida pelos pobres, negros e excluídos, além de tentar apagar a imagem, até então disseminada pelo sistema colonial, de um povo dito inferior, incivilizado e sem cultura. Além de se valer, em seus textos, de traços culturais e do rico manancial das tradições orais, nas quais imperava uma memória coletiva que configurava a história desse povo e uma *oralitura*³.

Parafraseando Fonseca, podemos observar, efetivamente, que os autores de literatura africana de língua portuguesa transitavam geralmente entre dois espaços, e isso gerava certa tensão devido ao uso da língua europeia – a língua portuguesa, para registrar os conflitos e as realidades distintas, além de suas produções sofrerem influências das correntes e dos movimentos da Europa, assim como utilizavam as manifestações e tradições linguísticas adquiridas com o contato com o colonizador.

Essas questões que envolvem a linguagem literária e seus embates foi o que levou ao surgimento de projetos literários com características semelhantes em cinco países africanos que têm a língua portuguesa como língua oficial: Cabo Verde (revista *Claridade*), São Tomé e Príncipe (poemas “Ilha de nome santo”, de Francisco José Tenreiro), Angola (o movimento

³Leda Martins (2013) define como uma performance baseada na voz e no corpo, que inscreve, grafa e postula. O corpo é como templo da memória, que guarda e se inscreve nele, a voz é uma das possibilidades de exteriorização dessa memória, de saberes. Em outras palavras, a voz e o corpo são como portais de inscrição de saberes de várias ordens.

“Vamos descobrir Angola” e a publicação da revista *Mensagem*); em Moçambique (revista *Msafo*) e Guiné-Bissau (antologia *Mantinhas para quem luta!*).

No caso de Angola, na tentativa de “angolanizar a literatura”, inicia-se naquele momento um projeto que se torna o ponto inicial do movimento dos novos intelectuais de Angola; o segundo momento foi o período de guerrilha; o terceiro, porém, não o último, é o advento da tão esperada libertação de Angola. Segundo Rita Chaves (2005, p. 71):

Angolanizar a literatura, tentativa configurada também como uma tradução local do sentimento de africanidade que percorria todo continente, passava pela atitude de pensar a própria questão da língua em que iriam expressar as novas verdades. Aos sentidos atentos uma indagação logo se abriu: como exprimir uma cultura nova, identificada com a libertação, através de um código que foi também dominação?

A autora pontua que alguns escritores utilizam na construção de seus textos duas ou mais línguas, isso intencionalmente, ou fazem uma dupla escrita – crioulo e português – motivo esse de fortes debates e reflexões a respeito do uso da língua oficial como língua literária nos países africanos de independência recente, sendo essas algumas das opções literárias e também políticas tomadas pelos autores.

Um recorte da literatura angolana e o projeto literário de Pepetela

Angola, com sua singular trajetória na construção de uma sociedade plural e independente, contribui significativamente para um estilo literário distinto dos demais, com histórias fictícias que muitas vezes se confundem com a história do próprio país, tais como a luta militar e política por libertação, a busca por uma identidade cultural, as corrupções políticas durante o processo de libertação e a distorção de etnia e raça por oportunistas (CHAVES, 2004; AMÂNCIO, 2014). A partir disso, conseguimos compreender melhor o processo de produção literária angolana e de outros países africanos.

O continente africano, além de sua vasta extensão territorial, possui uma vasta riqueza cultural em seus vários países, tal como suas produções literárias. Com isso, é importante conhecer sobre Angola, e seu campo literário, que tem como princípio uma literatura

de combate colonial, sendo a literatura uma arma para o enfrentamento do imperialismo e a reivindicação de uma identidade. Assim, ainda citando Chaves (2005, p.70): “[...] a literatura Angolana parece atribuir-se a função de desenhar o rosto de um povo ainda sem ele, de dar voz a uma gente ainda condenada ao silêncio”.

Diante disso, Angola se mostra em vários momentos da história como um dos países que tem uma rica produção literária e uma geração intelectual com uma qualidade excepcional em suas construções ficcionais. Considerando a trajetória literária desse país, ela se divide em dois momentos, sendo o primeiro o momento ou a situação de independência e o segundo o nascimento de uma consciência nacional.

Para Oliveira (1985. s/p):

o fim-de-século, simultaneamente frívolo e sério, aí se pronuncia na associação entre «gosto da literatura» e «distracção», nessa primeira publicação do seu tipo, dirigida e colaborada por angolanos. Esse mesmo espírito é o que determina o lançamento dos novos «*Ensaio Literários — Propaganda e Instrução*», publicação semestral, datada de Luanda, 1902, mas impressa em Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, no mesmo ano.

Apesar desse papel importante da imprensa com ideias de autonomia, independência e separação, vale ressaltar que a ação literária se deu, predominantemente, em relação à poesia, mas foi somente pela imprensa, com a atividade jornalística-literária, que houve uma comunicação efetiva com o povo.

Em resposta ao regime repressivo de Salazar, surgiu o movimento “vamos descobrir Angola” em 1948, liderado pelos novos intelectuais de Angola, como Viriato da Cruz, António Jacinto, Agostinho Neto e Mario António, lançando uma arma anticolonialista: a atividade literária, influenciados por alguns *movimentos revolucionários* que têm como consequência a “ruptura definitiva com o modelo linguístico-literário português ao inserir, nele, semânticas e temáticas étnicas angolanas” (AMANCIO, 2014, p. 17).

Paralelamente à história, surgiram grandes escritores angolanos, produzindo uma literatura singular, que se apresentou como um instrumento de afirmação da nacionalidade e de construção de uma identidade nacional. É nítida nos escritos angolanos a necessidade de mostrar as contribuições dos heróis e os falsos heróis do passado para o engrandecimento ou

detrimento do presente, assim como os escritores também fazem constantes regressos ao passado sempre na tentativa de compreender o presente desalentador.

Os questionamentos e as reflexões sobre os anos de luta que levaram ao 11 de novembro de 1975 inspiraram muitos escritores na produção literária angolana, sendo a partir daí que novas vozes são ouvidas, no intuito de desmistificar e mostrar a história sob outra ótica, ou seja, “a retrovisão, instrumento poderoso do historiador, é apropriado pela literatura e refazem-se os ciclos” (CHAVES, 2005, p. 57). Partindo desse princípio, o escritor Pepetela utiliza a pesquisa histórica como pano de fundo em algumas de suas obras, fazendo essa incursão ao passado.

Pepetela é o pseudônimo de Artur Carlos Mauricio Pestana dos Santos, nascido em Benguela, na Angola, em 1941, e que realizou sua educação básica nas cidades de Benguela e Lubango. Em 1960, ingressou na Faculdade de Engenharia em Lisboa, logo depois optou por Letras. Em 1962, saiu de Portugal para Paris e, por razões políticas, passou algum tempo na Argélia, onde se licenciou em sociologia e trabalhou sendo um dos líderes do MPLA – Movimento Popular pela Libertação de Angola – e no centro de estudos Angolanos, que ajudou a criar. Em 1969, foi chamado para participar diretamente na luta pela libertação de Angola, em Cabinda, ocasião esta que adotou como nome de guerra Pepetela, que depois se tornou seu pseudônimo literário. Concomitantemente, em Cabinda, foi guerrilheiro e responsável pelo setor de educação. Atualmente tem ocupado cargos diretivos na União de Escritores Angolanos, é membro da Academia de Letras de Lisboa, e presidente da assembleia de cultura.

Atualmente, existem várias publicações (entre romances, contos e novelas), algumas com as temáticas anteriormente citadas, incluindo *As aventuras de Ngunga* (1973), *Muana Puó* (1978), *Mayombe* (1980), *Yaka* (1983), *A Geração da Utopia* (1992), *A Gloriosa Família* (1997), *Contos de Morte* (1999), *Os Predadores* (2008), *O Planalto e a Estepe* (2009), *Se o passado não tivesse asas* (2016), e o seu último romance publicado, chamado *Sua excelência, de corpo presente* (2020).

O projeto literário de Pepetela está mais ligado às narrativas mais longas, desta maneira, ele vem sendo fiel ao próprio gênero romance. Deste modo, a representação da realidade histórica em muitos romances pepetelianos é uma forma de revisar e questionar o passado, o presente e o futuro, pois em suas invenções de Angola e/ou em sua verdade poética

sobre o país, a realidade fragmentada pelas guerras e a pluralidade de povos/línguas, tal e qual personagens diversificados e complexos, como ecos dessa guerra, ganham destaque nessa nova atmosfera de cunho histórico criada pelo escritor. Na sua imitação de mundo, notamos um imbricamento entre ações e espaços como efeito de uma causalidade, além de tecer uma simbiose entre homem e terra. Ademais, nessa via dupla de agradar/instruir, o escritor utiliza, portanto, alguns elementos para sua invenção/representação de Angola: fatos históricos, memórias, espaços, sujeitos e suas experiências.

Com relação às suas obras e suas inspirações, em entrevista concedida à Jane Tutikian, publicada na revista *Organon* (2009, p. 209), o escritor afirma:

Não me parece possível o escritor separar a sua ideologia da sua prática de escritor. É claro que se pode pôr na boca dos personagens tudo o que se queira e a literatura em parte é isso mesmo, uma discussão/confronto entre personagens de ideologias diferentes, mesmo se elas não sabem o que isso quer dizer.

Considerando isso, com a capacidade de expor, por meio de personagens, suas vivências e experiências de bastidores da luta pela independência, Pepetela foi construindo assim seus personagens emblemáticos, filosóficos, oportunistas e clichês, os quais nos fazem refletir sobre os distintos papéis que podemos assumir na construção de uma nova sociedade.

A geração da utopia: contextualizando a obra

Nossa análise referente à representação dos jovens na independência de Angola em *A Geração da Utopia* parte de três pressupostos: a criação e manutenção de um projeto imaginário (país novo e justo), a formação de jovens intelectuais (investimento na educação) e a participação dos jovens na guerrilha pela independência de Angola.

A narrativa de *A Geração da Utopia* apresenta um romance fictício-histórico, e tem uma linguagem mais direta, um estilo seco, amparado pelo anseio de revelar situações injustas, mas com grandes inclinações a possíveis mudanças. Pepetela procurou se enquadrar nesse tipo de projeto, “sendo este apto a catalisar questões que pudessem definir o ser (e o estar) angolano” (CHAVES, 2005, p. 88).

O romance se divide em quatro sessões, com no mínimo 5 e no máximo 11 capítulos, finalizados com epílogos em cada parte, havendo intervalos de 10 anos entre cada uma, que acontecem em tempos e cenários narrativos diferentes. É de extrema importância ressaltar que as duas primeiras partes do romance tratam de lutas pela independência de Angola do domínio português, ou seja, é a fase de uma preparação da conquista da independência, que se inicia em 1961 e finda em novembro de 1975; e nossa análise se concentra nessas referidas sessões - A Casa (1961) e A Chana (1972). As duas últimas sessões – O polvo (1982) e O Templo (a partir de julho de 1991) – acontecem em outro momento da história angolana, abordando a fase posterior, momento da guerra civil, iniciada logo após a libertação nacional devido à incompatibilidade de ideais políticos dos partidos, até então aliados pela independência, que teve fim em 1991, ano da assinatura do acordo de paz para Angola (acordo este violado em vários momentos).

No intuito de contextualizar e entender o romance, devemos levar em consideração que vários acontecimentos se deram até no momento da escrita da obra, principalmente o surgimento de uma utopia da libertação nacional (a julgar que a geração idealizadora desse plano acreditava que, após a independência, Angola seria uma nação justa e igualitária), a luta intensa até mesmo após a independência. Chaves (2005, p. 97) evidencia que:

Durante essas três décadas, iniciou-se a luta armada pela independência, nasceu o país, ensaiou-se o projeto socialista, transcorreu a guerra de agressão movida pelo regime racista da África do Sul, intensificou-se a guerra civil entre MPLA e UNITA, assinaram-se alguns tratados de paz jamais concretizados, optou-se pelo neoliberalismo, o multipartidarismo sucedeu o regime de partido único.

Escrito no início dos anos 1990 na cidade de Berlim, o romance *A Geração da Utopia* faz um balanço da utopia que mobilizou uma geração e que, conseqüentemente, assume um papel importante no projeto idealizado e na assinatura da independência, a geração como protagonista. Apesar da riqueza em análise, nos deteremos somente em A casa (1961) e A chana (1972). Essas duas partes são suficientes para evidenciar o processo da mobilização de uma geração em um projeto imaginado, assim como trataremos também do papel do jovem intelectual na conquista de uma independência. Acompanharemos, a partir das vozes de jovens

intelectuais - estudantes ou não -, a idealização de uma nação utópica e cujo discurso, no decorrer do romance, vai ganhando outro teor, iniciando um processo de distopia.

Outrossim, é válido destacar que, quando acionamos os termos utopia e distopia em nosso texto, não estamos nos referindo a eles enquanto categorias de análise. No entanto, é importante dizer que a palavra *utopia* surgiu na literatura na obra homônima, *A utopia* (1516), de Thomas Morus. Séculos depois, estudiosos como Marx (1871) e Bloch (1976) ampliaram o significado dessa palavra, tornando-a um conceito e/ou categoria de análise: utopia para Marx não é apenas uma ilha imaginária ou um projeto irrealizável; utopia para o sociólogo é uma categoria que se definia em oposição à revolução e à realidade social. Já para Bloch, utopia é uma consciência antecipadora, aquilo que ainda não se tornou bom. O termo distopia teve sua gênese no termo utopia, e se apresenta como algo que está relacionado ao que é ruim, o anúncio do sombrio que é e que permanecerá como bem. O estudioso Carlos Berriel (2005) também afirma que os dois termos estão entrelaçados e que em toda utopia há um elemento diatópico. Em vista disso, notamos que, no texto de Pepetela, esses conceitos podem ser lidos tanto na idealização de uma nação que ainda não existe quanto no ruir desse ideal ao longo da narrativa.

Feitas essas considerações introdutórias, enfatizamos que a obra de Pepetela, em cada capítulo, parte da perspectiva de um determinado personagem. A seguir destacaremos as duas partes, fazendo comentários isolados sobre cada personagem e sua representação e respectiva participação, vivenciada ou projetada, e por fim, quais são suas contribuições e seu protagonismo no decorrer da narrativa.

“A casa”: a geração como protagonista

Primeira parte do romance, “A casa” tem como cenário narrativo Lisboa no ano de 1961, especificamente na Casa dos Estudantes do Império (CEI), local de abrigo e encontro dos jovens das colônias portuguesas, também chamados por alguns personagens de “o centro da revolução africana em Lisboa”. Isto é, a Casa dos Estudantes do Império (CEI) foi um espaço criado pelo regime colonial em 1944, e um de seus objetivos era o controle de todos os estudantes universitários vindos das (ex) colônias em um único espaço, a julgar que as colônias não possuíam instituições de ensino superior naquela altura, e Portugal era o único espaço que

proporcionava o acesso às universidades. Acresça-se a isso um objetivo político-ideológico, um interesse “[...] de formação de jovens bem preparados que pudessem vir a enquadrar a administração e reproduzir o sistema colonial que o próprio regime ditatorial prosseguia” (UCCLA, 2017).

No entanto, o efeito foi contrário: em vez de a CEI propiciar uma geração intelectual que corroborasse com o regime repressivo de Salazar, o espaço possibilitou um enorme incentivo ao desenvolvimento de uma consciência política e cultural alicerçada pela singularidade étnica e uma africanidade. Isto é, emergiu uma produção cultural na CEI, o que contribuiu para um comunitarismo entre africanos e destes com os portugueses, contra o ambiente de falta de liberdade e contra a repressão do regime fascista português, o que Sara chamou de “centro da revolução africana em Lisboa”.

Assim, 1961 foi um ano de muitos acontecimentos que marcariam as próximas décadas e que mudariam personagens e suas histórias dentro de uma história maior: a história de Angola. Considerando o contexto histórico daquela época, com o regime político ditador de opressão de Salazar em vigência, os personagens vão se apresentando, surgindo uma geração com ideias semelhantes e, por vezes, divergentes, mas todos com sérios interesses em uma implementação de uma política consequente.

No tocante aos personagens, Pepetela faz a apresentação dos mais importantes nesse processo de independência na narrativa, além de vários fatos que servirão para entendermos a sequência do romance e a posição dos jovens angolanos diante do início do movimento pela libertação. Há, assim, no contexto do romance, os revolucionários, os apolíticos e os oportunistas extremos:

A narrativa centra-se como não é raro na obra de Pepetela, na perspectiva de uma personagem que procura compreender as rupturas em processos no grupo de estudantes da Casa dos Estudantes do Império e perceber as linhas da crise detonada com o início da luta armada em Angola (CHAVES, 2005, p. 99).

Sendo assim, o primeiro capítulo inicia a partir da perspectiva de Sara, estudante de medicina já no fim do curso, nascida em Benguela, filha de comerciantes brancos de origem judia, economicamente bem estabelecidos, com forte interesse nos centros mais pobres, periféricos. Como sempre advogara a medicina preventiva nas comunidades mais carentes, Sara

já demonstra uma preocupação com os problemas sociais da terra, e queria ter um papel relevante no tocante à sociedade, e a independência mudaria essa realidade.

Sara faz um papel de introdutora do romance, apresentando brevemente o contexto vivenciado por ela e seus amigos da Casa dos Estudantes do Império (CEI), analisando a situação dos africanos em Lisboa e, em seguida, apresentando seus sentimentos em situação de exílio: o tom de perfeição da Angola que a distância dava, sua forte admiração por Aníbal, suas ideias contrárias à política de Salazar e, por último, seus anseios e angústias com relação ao que se passava em seus país de origem:

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada (PEPETELA, 2013, p. 11 -12).

Com um discurso patriota (Portugal uno e indivisível), o governo ditador de Salazar tinha total influência na imprensa, e utilizava seu discurso nacionalista para demonizar o movimento pela libertação de Angola. A personagem Sara era uma grande articuladora e interessada nas questões sociais e políticas em geral, principalmente no que dizia respeito à terra. Em muitos momentos da obra isso fica evidente: quando ajudava os conterrâneos consultando-os e aconselhando-os e quando os incentivou a participarem de protestos e das manifestações contra as ordens trabalhistas ocorridas em Lisboa. Desse modo, notamos como muitos jovens compartilhavam dos mesmos interesses que Sara, eram bem ativos no que dizia respeito aos interesses para um bem comum da sociedade angolana e nos pequenos atos para ajudar no processo de libertação; tinham plena consciência da importância da educação para uma nova Angola liberta, ou seja, uma sociedade independente precisaria de uma classe intelectual para sua formação.

Pepetela iniciava no romance um discurso sobre os limites de cada jovem em relação à independência. Isso fica evidente em vários diálogos entre os personagens mais

importantes do romance, como Sara, Aníbal, Vítor, Malongo e Elias. Eles tiveram papéis distintos na luta pela independência, tanto na construção de uma sociedade quanto na solidez de um país independente, pois a maioria não comungava da mesma ideologia, mas acreditava na libertação de Angola e na construção de um estado equitativo. Nesses primeiros capítulos, já percebíamos nos discursos de alguns personagens quais seriam suas representações nessa luta pela independência. Isso fica mais evidente em um diálogo entre Sara e Malongo, assim narrado:

- [...] Já ouvistes falar na existência do MPLA, um partido criado no estrangeiro?
- O Vítor falou-me qualquer coisa, mas não ouvi bem. Sara levantou-se. Foi apagar o cigarro no cinzeiro. Procurou controlar a fúria. Estava a gozar com ela? Podia ser assim irresponsável que não se interessava com uma notícia tão importante? Por vezes não sabia se ele mentia sempre ou só às vezes. A sua primeira suspeita parecia infundada, ele fora sincero, não a procurava porque andava chateado com o futebol. Mas custava a acreditar que fosse tão apolítico, numa altura daquelas.
- Como é que não ouviste bem? Estás a mentir.
- Ele levantou os braços para o céu e olhou para o teto.
- Estava mais preocupado com outras coisas e ele não voltou a insistir. Disse que tinham chegado documentos do tal MPLA, que é uma coisa porreira, não me mostrou nenhum documento e depois não falámos mais disso. Não sei o que queres saber.
- Não quero saber nada. Já sabia. Não fiquei à espera que me dissesse, porque senão ficava sempre no escuro. E o que eu quero saber é porque agora me põem no escuro, é isso mesmo. [...]
- Tu bem sabes que a política não é o meu forte, nunca me interessou.
- A política! E a tua vida, a vida da tua família, é disso que se trata. Não me venhas cá com estórias de que isso não te interessa, só o futebol. Há um momento em que as pessoas esquecem as trivialidades, para se preocuparem com as coisas sérias que as tocam. E tu também.
- Claro que me interessa saber o que se passa na terra. Mas só isso. Não tenho nada que me meter em organizações, sei lá porquê uma é melhor que a outra. E nem me lembrei de te falar nisso, acho que temos coisas mais importantes para fazer juntos (PEPETELA, 2013, p. 44-45).

Logo, é nítido no diálogo entre o casal de namorados que cada um apresentava visões divergentes: enquanto Sara tinha uma séria preocupação com Angola e seus rumos políticos, Malongo se apresentava como um angolano apolítico, que tem no seu campo de interesse somente sua carreira como jogador de futebol e outras trivialidades. Assim, é frequente encontrar essas dissonâncias nos personagens de Pepetela nessa narrativa, ou seja, uma fragmentação comum de um ideal de nação e de identidades.

Em 1961, eclode a primeira ação pela libertação, as prisões de Luanda são atacadas, libertando os presos políticos, havendo uma ligação com o movimento anticolonialista apoiado pelos EUA - UPA, mas isso, a princípio, deu forte esperança de um futuro aos estudantes. Logo, no decorrer das ações desse movimento, ficaram evidentes suas ideias distorcidas sobre raça, libertação e nacionalismo, mostrando que não queriam uma independência de um país seguindo um bom programa de construção de uma nação, mas, sim, um movimento tribalista, uma guerra racial.

O personagem Aníbal nos é apresentado, sempre agarrado aos livros e às ideias, um dos personagens mais conscientes criados por Pepetela. Não era um tipo alegre: isso se dava pelo seu alto nível de consciência e não alienação política e social. A personagem tinha posições progressistas e forte interesse político que foram vistos, e não apreciados, por alguns desde os tempos de academia. Sábio – seu nome de guerrilheiro – era aspirante miliciano, formado em um curso equivalente à História, fazia serviço militar obrigatório à Portugal, e todas as semanas aparecia na CEI para rever os amigos e tratar dos acontecimentos da terra. Ele foi contatado pelo movimento MPLA - alguns dos jovens eram mobilizados pelos movimentos oriundos na Europa para assumirem papéis na luta pela libertação. Ele, por ser um jovem com grandes representações e destaque no centro acadêmico, apresentava um grande potencial, além de sua experiência militar que eles tanto precisavam. Logo, ao serem percebidas as distorções do Movimento UPA, iniciam-se os primeiros rumores a respeito do surgimento desse novo movimento, organizado no próprio exterior.

Dando sequência ao romance, Pepetela, com personagens distintos, procurou conferir um nível de pluralidade a essa geração utópica, dando voz, também, a um personagem apolítico: Malongo era grande e forte, a cara sorridente, provavelmente devido à falta de consciência política. Era um africano bem estereotipado, jogador de futebol e mulherengo, tinha fama de brincalhão e mentiroso. Na apresentação que o narrador faz do personagem, ficam bem claros os interesses dele: dinheiro, mulheres, fama e festas, além das aventuras amorosas. A pequenez de seus sonhos se reduzia a prazeres momentâneos e individuais e a um status que a vida no futebol proporcionava.

Malongo viera primeiro, há cerca de quatro anos, jogar futebol e estudar. Conseguiu emprego num clube grande, o Benfica, e alugara o quarto. Mas

não conseguia ascender à equipa principal e o salário não era grande. Com os treinos constantes, deixou de estudar. Os amigos insistiam para ele ao menos terminar o liceu. Nada feito. Chumbava regularmente no último ano (PEPETELA, 2013, p. 12).

E por último, e muito importante, Pepetela nos apresenta o indefinido Vítor Ramos, estudante de veterinária, amigo de Malongo, reprovado dois anos seguidos, de Huambo. É interessante frisar que o autor, no decorrer da trama, sempre retoma a questão do colonialismo, fazendo uma ponte entre o momento vivido pelos angolanos em 1961 e a tese de Aníbal (colonialismo *versus* capitalismo) e como a elite da época contribuía para o colonialismo. Além disso, indica que, no século XIX, os mestiços, em sua maioria, alimentaram esse sistema, além dos brancos e negros. Conhece-se, dessa maneira, um papel histórico de determinado grupo social, seja positivo ou negativo, sem, por isso, tomar atitudes políticas radicais em relação a seus descendentes, coisa que os defensores das teorias da UPA apoiavam: eles afirmavam que para acabar com o complexo de inferioridade inculcado pelo colonizador, somente a violência do colonizado resolveria.

O ápice dessa primeira sessão do romance é a mobilização da unidade de Aníbal, pois essa ação teria uma grande representatividade, um divisor de águas para os jovens angolanos em Lisboa. A possibilidade de Aníbal ir para sua terra natal lutar contra seus conterrâneos iria contra todos os seus princípios, sua natureza e seus ideais, podendo ser a precoce gestação da virada para a distopia. No entanto, Aníbal desertou ao ser notificado oficialmente a respeito da mobilização. Ao desertar, instalou-se um grande sentimento de esperança entre os jovens angolanos estudantes da CEI, pois a saída de Aníbal das tropas portuguesas representava um grande marco, servindo, sobretudo, como exemplo para outros angolanos que estavam na mesma situação. Logo, com essa atitude de Aníbal, iniciam-se as articulações para uma saída em massa de Portugal e, conseqüentemente, unindo-se ao movimento da MPLA, é o início do seu grande papel na libertação de Angola; é dada a partida a uma nova fase para a geração.

“A Chana”: a mudança no discurso, aspectos sociais e valores individuais dos personagens

Segunda parte do romance, “A chana” se passa durante a guerra civil em Angola, em 1972, após 10 anos de articulações tratadas na primeira sessão do romance. De acordo com o dicionário informal⁴, “chana” é um termo angolano que designa uma vasta planície coberta por capim alto e pequenos arbustos, típica da região leste de Angola. Essa seção tem como cenário narrativo Angola no período da guerra; o autor faz constantes analogias entre esse cenário e a situação vivenciada pelo país, sendo um recorte da obra que focaliza a fuga dos guerrilheiros para a fronteira, local de refúgio para aqueles que estavam fugindo da guerra e de suas mazelas.

“A chana” é apresentada do ponto de vista de dois personagens: Vítor Ramos e Aníbal – este último não mais presente, figurando somente por meio das memórias de Vítor. Pepetela inicia a narrativa com uma das anotações de Aníbal, quando ele filosofa sobre o conceito de chana, utilizando metáforas a fim de falar sobre a visão dos otimistas e pessimistas, em relação às diversas situações vivenciadas na guerra, assim como faz analogias sobre a travessia da chana e a guerra pela independência.

O personagem Vítor descreve os acontecimentos e sentimentos que se dão em uma travessia ambígua: uma no sentido real, tratando-se de espaço geográfico, em direção à fronteira – local de refúgio no período da guerra pela libertação; e a outra, em um sentido metafórico; mudança de fase, mudanças ideológicas e psicológicas do personagem no tocante à guerra e ao movimento. Segundo Chaves (2005, p.100), nesse momento “altera-se o tom e o ponto de vista da narrativa [...] é perfeitamente possível detectar as contradições e insuficiências que levariam os desvios do projeto”, gestado e sustentado em “A casa”.

Nesse lapso temporal (1961 a 1972), muito aconteceu: uns foram estudar, formando a classe intelectual; outros foram para a guerra – local da luta concreta – sendo guerrilheiros ou trabalhando nos bastidores; e outros mantiveram-se afastados e alienados ao que estava acontecendo.

Percebemos, nos primeiros capítulos dessa parte, a mudança nos discursos: o nacionalismo já não era tão gritante, pois “Na dureza das ações, a solidariedade já não é tônica, e os procedimentos divisionistas cumprem a terrível função de anunciar a precariedade da

⁴<https://www.dicionarioinformal.com.br/chana/>

vitória” (CHAVES, 2005, p. 100). Percebe-se a falta de valores individuais ganhando força e um discurso frustrado ganhando terreno, alterando o quadro pintado em “A casa”. Há visivelmente uma incompreensão de ideias, intrigas e rivalidades que nos dão a entender que os motivos que os levaram à luta não existiam mais ou estavam sendo diluídos.

Desse modo, havia uma super valorização na formação política dos jovens angolanos por parte tanto da União Soviética quanto dos Estados Unidos da América e seus aliados, ou seja, a respeito dessas influências externas na configuração intelectual e política dos angolanos, sublinhamos que a polarização do mundo em dois blocos após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), culminando na Guerra Fria, foi o cenário propício para a instalação de movimentos democráticos em Angola e, conseqüentemente, um investimento da formação dos intelectuais angolanos. Logo, Pepetela tece em seu romance algumas representações desses acontecimentos históricos, sinalizando, sobremaneira, que a educação alicerçava o projeto de libertação, pois caberia aos mais conscientes as verdadeiras revoluções, ou seja, a educação era um dos investimentos dos envolvidos na organização do movimento, buscando, assim, formar intelectuais e profissionais para a futura Angola liberta.

Outrossim, devido ao apoio da União Soviética, conhecer, se apropriar das teorias de Marx e Lênin e aliá-las às práticas era um dos principais papéis desses jovens, pois todos, inicialmente, comungavam da ideia de uma Angola essencialmente socialista. Logo, a busca de elementos sociais e identitários intrinsecamente angolanos, arrolada a um cenário democrático após a Segunda Guerra Mundial e às movimentações ocorridas na Europa-CEI, germinaram os principais movimentos anticoloniais angolanos (WHEELER, 2013).

Retomando a narrativa, Vítor expõe seus pensamentos a respeito da posição dos negros e mestiços, concluindo que tem orgulho de sua cor negra e que a posição do negro se alterou com o passar dos anos: “hoje, ser negro é ter uma arma e combater contra o colonizador, seja ele ou não branco [...] o branco é o dono da técnica e da potência, mas não é um deus. E a branca hoje deseja o negro” (PEPETELA, 2013, p. 161). Assim, no recorte temporal acionado pelo autor e nas ações de Vítor, depreendemos que a guerra pela libertação já havia completado mais de uma década, e, na narrativa, o autor destaca que os guerrilheiros já estavam esgotados física e psicologicamente, e isso se deve a algumas estratégias adotadas pelo exército português a fim de impedir o acesso às fronteiras, como nos mostra o historiador Pélissier: “o exército

português, fisicamente incapaz de isolar a zona da fronteira, adoptou tácticas simples. Os bombardeamentos das florestas tinham poucos efeitos do ponto de vista militar, mas, psicologicamente, inspiravam medo.” (2013, p. 287).

Diante disso, a guerrilha constrói um novo inimigo: os próprios guerrilheiros. A fome, o medo, a desilusão, o estado e os sentimentos gerados no cenário da guerra contribuíam para o desencanto antes do fim da guerra de libertação. Entre os muitos questionamentos de Vítor, surge um sobre o voluntariado para a guerra, concluindo que seria um “voluntariado forçado”, também chamado de consciência política:

nome bonito para nos enganarmos. Nuns, é para se enganarem; são os idealistas. Noutros, é para enganarem os outros; são os vivaços. Tudo uma aldrabice. Aqui estou eu, perdido, a sofrer da fome e do frio, sabendo apenas que a salvação está no Leste. Para quê? Uns tantos no exterior utilizam o meu sacrifício e o de tantos outros para chegarem aos países amigos e receberem dinheiro (PEPETELA, 2013, p. 164).

Com esse e outros trechos dos discursos de Vítor percebemos o que Chaves (2005, p. 101) postula: “as diferenças deixam de ser diversidade para se transformarem em capital de negociação, em patrimônio para obtenção de vantagens na sociedade ainda em formação.” Ou seja, os próprios angolanos naquela altura já haviam abandonado o projeto coletivo e se entregado ao egoísmo e à busca de enriquecimento à custa da guerra.

Assim, especificamente no quinto capítulo de “A chana”, Vítor, por meio de sua memória, frequentemente reflete sobre as conversas que teve com Sábio, analisando e fazendo um balanço sobre a guerra até aquele momento: promessas feitas, regionalismo, oportunismo, tribalismo. Tentando, desta forma, se encontrar e saber quais são e eram seus papéis nesse projeto e como poderiam alterar tal quadro em meados de 1972. Desse modo, há muitas acusações: ao movimento, ao projeto utópico, aos guerrilheiros, às questões regionais, às promessas realizadas. Sábio afirma que:

[...] O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o

povo esquece o passado e diz ontem era melhor que hoje (PEPETELA, 2013, p. 169).

Ao término desse segmento, os personagens têm um tom forte de ironia e desilusão, apontando ações para mudar a realidade desencantadora da guerra, expondo, deste modo, uma última solução para se vencer a guerra. Aproveitando-se disso, Vitor inicia suas articulações para assumir cargos de chefia, a começar pelos seus discursos demagógicos.

Ao fim, fecha-se mais um ciclo: matam-se os sonhos, os ideais coletivos, e abandonam-se as utopias. Comprovam-se, assim, as mudanças de discursos, considerando os acontecimentos após a idealização do projeto de libertação e as escolhas de cada personagem. Para a morte das promessas e dos ideais, o personagem Vitor fez uma analogia com a morte de um animal, que serviu para dar força a ele e aos companheiros para chegar até a fronteira. A comparação surge quando, ao fitar os olhos do animal, ele se lembra dos olhos de três personagens bem representativos no decorrer dessa travessia: os da estranha Mussole (amada morta de Aníbal); os mais que conhecidos de Marilu (sua amada que o abandonou); e os de Aníbal. De fato, aquele momento representa o corte de laços que o prendia ao passado, nascendo, assim, o sujeito egoísta, oportunista, com interesses vantajosos na sociedade ainda em construção. E assim finaliza Vitor:

Não, nada já tinha importância. O passado fora enterrado na areia da chana e mesmo as promessas e os ideais coletivos. O que importava agora era o que iria encontrar na penugem azulada do futuro, o seu futuro. Ele, Mundial, já estava a salvo, já tinha um futuro. E o Sábio? (PEPETELA, 2013, p. 224)

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma breve análise sobre a importância dos estudos da literatura africana, especificamente a literatura angolana e um de seus mais aguerridos representantes: o angolano Pepetela. As riquezas de análises são imensuráveis, com uma série de aspectos a serem considerados.

É bom ressaltar, no tocante ao romance analisado, que a autoficção é característica da literatura angolana e, conseqüentemente, do projeto literário de Pepetela, sendo

[...] uma variante pós-moderna da autobiografia, na medida em que se desprende de uma verdade literal, de uma referência indubitável, de um discurso historicamente coerente, apresentando-se como uma reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos da memória (DOUBROVSKY apud HIDALGO, 2013, p. 233).

É nesse contexto que o autor reflete em suas obras suas vivências e os movimentos de ascensão e de queda dos sonhos libertários.

Em *A Geração da Utopia* identificamos os papéis distintos que os jovens podem assumir em relação à construção de uma sociedade, a começar por aquele jovem consciente política e socialmente, preocupado com uma nação, com ideais coletivos e socialistas, passando por aquele alienado que não faz questão de se envolver em assuntos político-sociais e chegando aos oportunistas, que, ao perceberem a situação em que Angola se encontrava nesse processo de construção e se estabelecendo como sociedade, visam a aproveitar-se do momento para fins capitalistas.

Logo, os três pressupostos considerados para identificação da representação de jovens angolanos são facilmente identificados no decorrer do romance: na representação dos jovens na elaboração do projeto e nas articulações da libertação de Angola, facilmente identificável nos capítulos de “A casa”; na formação intelectual desses jovens para uma Angola liberta, projetados pelo autor nos personagens Sara, Aníbal, Vitor e, por último, na representação desses jovens na guerrilha pela sonhada independência de Angola. Portanto, compreendemos no romance que a história e a literatura estão fortemente imbricadas, em um processo de (re)conhecimento do passado para assim compreendermos o futuro, e que a função de relembrar fatos e dados é uma construção genuína de textos literários africanos. Ademais, na construção de uma sociedade, os jovens, como sujeitos de uma sociedade, podem assumir papéis distintos, cuja relevância pode ser tanto positiva quanto negativa, e Pepetela consegue descrever esses polos com maestria.

Referências

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. **Entrançamento discursivos na Literatura Angolana do pós-independência (história, etnicidade e estética)**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. In: **Utopia e Renascimento 2**. São Paulo: Editorial da MORUS, p. 4-10, 2005.

CARUSO, André. Utopia: uma categoria da análise social. **Revista História Unisinos**, 24 (3), p. 516-523, setembro/dezembro, 2020.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**: experiências coloniais e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

HIDALGO, Luciana. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. **Revista ALEA**, v. 15, p. 218-231, jan./jun. 2013.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**: mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

_____; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cad. Cespuc de Pesquisa**, n. 16, p. 13-69, Set, 2007.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Língua e Literatura e Fronteiras**, n. 26, 2003, p. 63-81.

OLIVEIRA, Fernandes, M. A. de. **A Formação da Literatura Angolana (1851-1950)**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1985.

PEPETELA. **A geração da Utopia**. São Paulo: LeYa, 2013.

PÉLISSIER, Réne; WHEELER, Douglas L. **História de Angola**. Tradução de Pedro Gaspar Serras Pereira. Lisboa: Edições Tinta da China, 2013.

RUCKERT, Gustavo Henrique. A geração da utopia em tempos de distopia. **Nau literária: crítica e teoria de literaturas**, v. 07, n. 01, p. 01-12, jan./jun. 2011.

SANTOS, Margarete Nascimento dos. Entre o oral e o escrito: a criação de uma oralitura. **Babel**: revista eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras, n. 01, dez. 2011.

TUTIKIAN, Jane. Entrevista com Pepetela por Jane Tutikian. **Revista Organon**, n. 47, jul.-dez., 2009, p. 209-211.